

Introdução

O tema apresentado neste trabalho é um despertar para os impulsos e a importância da ocorrência de produção ceramista artesanal de Icoaraci. Um produto que se tornou conhecido e comercializado mais intensamente para as outras cidades, por exemplo, como Salvador-BA e Rio de Janeiro-RJ, tornando-se um símbolo regional do Estado do Pará e/ou Amazônia.

Uma pessoa ao visitar uma cidade tem o hábito de levar para casa lembrancinhas que representam ou simbolizam aquela cidade, lembrancinhas essas que representam a cultura material, já que, muitas vezes, trata-se de artefatos confeccionados em madeira, tururi (fibra vegetal), pedras, cipó, palha, jornal, raízes e a cerâmica.

No caso de Icoaraci, e o que leva um visitante a se interessar pelas peças em cerâmica produzidas artesanalmente ali? Além disto, comprá-las como símbolo regional do Pará e/ ou da Amazônia? Seria uma forma de atribuir um simbolismo a essas peças artesanais marcadas pelos traços da cerâmica marajoara, tapajônica e maracá?

Assim, a intenção deste estudo perpassa pela perspectiva de como foi o início deste processo nas décadas de 1960 e 1970, quando houve um empenho maior das entidades públicas e do grupo de artesãos em se organizar para dinamizar o processo de venda e escoamento das peças artesanais.

Através dos relatos dos artesãos, verificamos que os mesmos atribuem considerável importância à década de 1960 na história da produção de cerâmica, pois é neste período que entram na linha de produção os acabamentos da cerâmica marajoara e tapajônica. Porém, em jornais impressos e revistas, não identificamos o registro desta ocorrência no período por eles referenciado. Neste caso, a memória de um grupo de depoentes de artesãos e de outros que souberam relatar sobre este período, em muitos momentos vão nos auxiliar para compreendermos as estratégias que foram elaboradas, ou oferecidas para este grupo, como forma de fomento da atividade artesanal em Icoaraci.

A escolha do tema centra-se ainda em questionamentos entre as representações mentais e materiais que funcionam como mediadora da memória. Entretanto,

compreender o processo mental na produção de cerâmica de Icoaraci perpassa por questionamento que remontam o início do processo de inclusão de tracejos da cultura marajoara e tapajônica, sobretudo nas peças de artesanais.

Diante disso, o principal questionamento deste trabalho é como a inclusão de tracejos da cultura indígena começou a agregar valores arqueológicos e financeiros (resguardando as observâncias do “marketing”) às peças em cerâmica de Icoaraci, já que as mesmas não são objetos de produção tapajônica nem marajoara, ainda que sejam reconhecidas como objetos regionais típicos da Amazônia?

O que será abordado neste trabalho é a noção de como os artesãos de Icoaraci fizeram uso de ícones, tracejos, estilos, réplicas, da produção da cultura material destas civilizações que existiram na Amazônia há milhares de anos, a consistência que isto deu à produção de Icoaraci para esta passar por um processo mental, agregando valores que tornaram o artesanato mais atraente, o que ocorre num período (1960-1970) em que o Brasil passava por uma ditadura militar e as políticas públicas, tendenciavam para a valorização das regiões, uma estratégia encontrada pelo Governo Federal, através do Ministério do Trabalho, para valorizar o artesanato regional como uma forma de sustentabilidade, e ressaltar o símbolos para o regionalismo de cada lugar.

A presente pesquisa se propõe identificar fatos que, entre os anos de 1968 e 1978, contribuíram para a promoção da produção artesanal de Icoaraci, num período em que se começa a divulgação em jornais e exportação das peças artesanais para outros Estados. Nesse período algumas contribuições das políticas públicas soaram como um incentivo para fomentar o setor, tais como o Plano Nacional de Desenvolvimento do Artesanato (PNDA)¹, e na esfera estadual, órgãos como Instituto de Desenvolvimento Econômico e Social do Pará (IDESP), entre os anos de 1970² e 1973³, contribuíram para organização de feiras permanentes e temporárias para a exposição de artesanato de

¹ PEREIRA, Carlos José da Costa. Artesanato-definições, evolução e ação do Ministério do Trabalho; programa nacional de desenvolvimento do artesanato. Brasília, Mtb, 1979.

² RODRIGUES, Maria do Carmo Arruda de Sirqueira. Artesanato: “valorizar os traços culturais do próprio povo é fazer civismo”. IDESP, 1971. Coleção Amazônia.

³ IDESP-Governo do Estado do Pará-Exposição – Feira do Artesanato do Pará. Belém-1973.

vários ramos e um dos destaques era o artesanato de Icoaraci. Algo que muito lembrado, pelos artesãos mais antigos do Distrito de Icoaraci.

Para atender uma exigência de mercado e de organização, a criação da Cooperativa dos Artesãos de Icoaraci (COARTI)⁴ foi uma das primeiras entidades a se preocupar com as desvantagens que o grupo dos artesãos tinham nas vendas com relação aos sujeitos que apenas comercializavam (atravessadores). A criação desta cooperativa nasceu da necessidade de organizar a categoria, já que anteriormente, estiveram na dependência das negociações entre órgãos públicos e atravessadores, tornando a atividade mais lucrativa para estes que para os próprios artesãos.

Neste trabalho a *cultura material* será vista como um mecanismo que referencia uma ocorrência de produção artesanal, a qual analisaremos a partir de um processo mental, nos apoiando assim em REDE (1996:265-282)⁵ para quem a cerâmica “pode refletir a estrutura social de seu contexto de fabricação de uso”. Para isso, será de fundamental importância considerar a dinâmica social dos artesãos, pois segundo a perspectiva que isso nos induz, a compreensão de que em seu contexto há arbitrariedade, convergências, divergências e acordos, que fizeram com que a produção se consolidasse em Icoaraci, apesar das dificuldades.

Sobre essa consolidação, HOBBSAWN (1997)⁶ analisa que quando há ambiente favorável a tradição torna-se uma permanência, criando-se uma “*identidade cultural*”. No caso da cerâmica de Icoaraci, pudemos observar que os traços e ícones indígenas foram ressaltados nos jornais como identidade cultural paraense.

⁴ Cooperativa dos Artesãos de Icoaraci. Fundada em 1978.

⁵ REDE, Marcelo. “História a partir das coisas: tendências recentes nos estudos de cultura material”. In Anais do Museu Paulista. “História e Cultura Material”. Vol. 4. USP.São Paulo-1996.

⁶ HOBBSAWN, Eric. “Introdução: A Invenção das Tradições” e “A Produção em Massa de tradições: Europa, 1879 a 1914”. In Eric Hobsbawn e Terence Ranger, A Invenção das tradições. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.

E para debater a ocorrência, faremos várias vezes aqui uso do termo *cultura* segundo a explicação de CHAUI (2006:20)⁷, que considera *cultura* “o conjunto de ações humanas, que significa o aprimoramento e aperfeiçoamento da humanidade, é a transformação racional, portanto, é a relação dos humanos com o tempo e no tempo”.

O processo que se enquadram as mudanças ocorridas na linha de produção do artesanato de Icoaraci, é um dos motivos fundamentais desta investigação. Dessa forma, almeja-se perceber e identificar os elementos e relações que envolvem o processo mental da produção de utilitários de uso domésticos (bastantes produzidos até o início da década de 1960) como potes, filtros, bilha, alguidá, pinicos, canos, pratos, panelas, mas também produtos artesanais decorativos, cujo acabamento é um despertar para os traços de cerâmica indígena, sobretudo, marajoara e tapajônica, reinventando e revivendo uma nova perspectiva de produção. O tema pretende responder o que significou para Icoaraci tais mudanças, identificadas na produção de artesanato de Icoaraci, partindo do pressuposto que mudanças não aconteceram ligeiramente e quais as mudanças e adequações que ocorreram na atividade artesã?

Para este trabalho foi realizada uma pesquisa de campo ocorrida principalmente no espaço da olaria, mas alguns artesãos fizeram questão de serem entrevistados em outros locais que trabalham como o Núcleo de Arte da Escola Liceu.

As entrevistas foram realizadas em duas etapas, entre novembro de 2004 a junho de 2005 e entre abril a junho de 2008. Além das entrevistas gravadas, fui por várias vezes até o espaço da olaria observar a dinâmica cotidiana do artesão, criando, assim, familiaridade com as técnicas de beneficiamento da argila, além de observar a hierarquia que existente nesse espaço.

As entrevistas foram realizadas a partir da elaboração de um roteiro, mas não seguido rigidamente, pois durante as entrevistas surgiam perguntas não programadas, mas importantes, pois fluíam nas conversas.

⁷ CHAUI, Marilena. *Cidadania cultural*. 1 ed-São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

São utilizados neste trabalho, *jornais*⁸ publicados no final da década de 1960 (ver anexo 1) e de a 1970 (ver anexo 1), onde são mais evidentes reportagens sobre a produção de cerâmica. A pesquisa foi realizada no acervo da Biblioteca Artur Viana entre o período de dezembro de 2006 a maio de 2008. Foram selecionados os recortes de jornais que mais descreveram como era Icoaraci e sobre a produção de cerâmica no período, e os que forneceram dados para nos situarmos. Além disto, utilizou-se o censo de 1970 e 1980 do IBGE que nos deu noção do contingente populacional, moradia, espaço rural e urbano do Distrito de Icoaraci.

A produção artesanal de cerâmica de Icoaraci, enfatizando os meados da década de 1960, período a que são feitas as referências sobre mudanças na organização dos artesãos e na confecção artesanal das peças. As principais perguntas deste capítulo são: como estava Icoaraci entre as décadas de 1960/1970? O que contribuiu para se formar uma tradição artesanal? Quais as mudanças evidenciadas no cotidiano da olaria com a inserção dos estilos indígenas?

A produção de cerâmica utilitária, suas técnicas, assim como a dita decorativa, o qual os artesãos utilizaram os traços da cerâmica indígena e questiono qual a importância para cultura material de se inserir traços da cerâmica marajoara e tapajônica?

O intrigante para esta proposta é a análise que os mercados consumidores promoveram para a divulgação desta cultura material, já que esses objetos foram reinventados e vendidos como lembranças e símbolos da Amazônia, pois tais atrativos como os traços, os ícones da cerâmica marajoara e tapajônica, deram a produção de cerâmica de Icoaraci um tom de cultura regional, servindo não só para potencializar a dinâmica da comercialização da produção artesanal de Icoaraci mas também para caracterizá-los como identidade cultural, proporcionando à esta produção uma considerável visibilidade para uma afirmação da tradição artesanal.

Ambiente da produção artesanal

⁸ Os jornais pesquisados foram *O Liberal* e *A Província do Pará*.

Icoaraci, em seus aspectos naturais na década de 1970, contava com uma paisagem natural desprovida de poluição, os carros eram bem poucos, mais espaço rural do que urbano⁹, no entanto, e mais precisamente o bairro do Paracuri, detinha a matéria – prima primordial, a argila, que quando beneficiada transforma - se em peças, o caso de ocorrência em Icoaraci, em utilitária e em cerâmica decorativa. Dessa forma, esta pesquisa questiona quais os fatores determinantes para Icoaraci tornar-se um espaço de tradição artesanal.

Os depoentes ressaltaram em suas observâncias que isso ocorrera em decorrência de vários fatores: ser uma localidade que deteve em abundância a matéria-prima da produção de cerâmica, ocorrência de uma produção de muitas décadas, já que existe uma olaria que podemos verificar ser quase centenária, mas em sua linha de produção a produção de peças utilitárias, para uso doméstico e/ou para construção civil.

É bastante considerada entre os depoentes a necessidade de se adequar às mudanças para permanecer na atividade, dessa forma verifica-se a ideia de que para se continuar na atividade se fez necessário seguir tendências, importâncias e até mesmo atribuir valores maiores às peças através do grafismo indígena da Amazônia, cujos mais destacados foram o da cerâmica marajoara, tapajônica e maracá.

Abriremos um espaço nesta produção acadêmica para comentarmos essas culturas e/ou civilizações marajoara, tapajônica e maracá e suas influências na produção artesanal de Icoaraci. Dessa forma, é de relevante importância descrever cada uma delas que diretamente tiveram fundamental importância para a cerâmica decorativa, que passou a ser produzida em Icoaraci. Abaixo os comentários, e descrições sobre cada uma dessas cerâmicas e suas particularidades.

Afirmação da produção

⁹ Censo 1970

Notícias da produção de cerâmica de Icoaraci nos jornais locais ¹⁰, no caso do *A Província do Pará*, começaram a ocorrer a partir do mês de dezembro de 1968, quanto ao *O Liberal* foram identificados a partir de 1971 no período de 1960 - 1970. Assim, percebe-se que o período é posterior à afirmação que o ceramista Rosemiro Pereira¹¹ fez, o qual afirma que “... em 1964 tiraram as peças da cozinha para a sala...”. No entanto, analisa-se que o referido período entre 1964 e 1975 foi de grande importância para a divulgação e afirmação de uma dita tradição artesanal em Icoaraci. ¹²

Escrevera HOBBSAWN (1997:09)

“... inclui tanto as tradições realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgem de maneira mais difícil de localizar um período limitado e determinado de tempo-às vezes coisas de poucos anos apenas - e se estabelecem com enorme rapidez.”

O autor discorre sobre a tradição, que pode favorecer certo grupo, criando assim uma “Identidade Cultural”. As transformações podem ser amplas e rápidas quando encontra um ambiente favorável para isso. Neste sentido, um ambiente propício para se criar uma tradição pode surgir a parti do momento em que se afirmou em um espaço, uma referência para a dita tradição, podemos refletir sobre isso, com base nas observâncias da produção de cerâmica de Icoaraci, podemos ainda refletir sobre o Distrito de Icoaraci, antes da década de 1960, já existia uma dinâmica da produção de cerâmica, o qual já produzia materiais de construção civil e vasos, louças para uso doméstico, tudo em argila. A partir da década de 1960, foi incluído acabamentos de tracejos e cores nas peças de cerâmica, que faziam alusão a produção à produção de cerâmica das civilizações indígenas. Então, verifica-se com esses informes, que Icoaraci foi um ambiente propício para a criação da “tradição artesanal”, pois ao longo do processo histórico, foi sendo construído e divulgado a ideia que neste espaço era produzido a tradicional cerâmica da Amazônia, como um jogo de marketing ou não, o certo é que a forma em que Icoaraci era um grande polo de produção de cerâmica, se consolidou. Outra hipótese para esta fama se estender, era a pretensão de os artesãos

¹⁰ *O Liberal* e *A Província do Pará*

¹¹ Rosemiro Pereira. Artesão. Entrevistado em novembro de 2004.

¹² HOBBSAWN, Eric. “Introdução: A Invenção das Tradições”. In Eric Hobsbawn e Terence Ranger, *A Invenção das tradições*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.

tornarem conhecida a “tradicional” cerâmica da Amazônia¹³, que é indígena, replicada, ou tracejada nas peças já produzidas anterior a década de 1960 em Icoaraci, as utilitárias. De uma forma ou de outra a partir dos dois primeiros anos de 1960, o Distrito de Icoaraci, tornou-se um referencial de produção de cerâmica decorativa, motivo esse, que proporcionou aos produtores de artesanato muitas exportações, principalmente na década de 1970 e assim Icoaraci tornou-se um local de tradição artesanal, como uma referência na produção da cerâmica.

As tradições inventadas” tem funções políticas e sociais importantes, e não poderiam ter nascido, nem se afirmado se não as pudessem adquirir. Porém, até que ponto elas são manipuláveis? É evidente a intenção de usá-las, aliás, freqüentemente, de inventá-las para a manipulação; ambos os tipos de tradição inventada aparecem na política, o primeiro principalmente (nas sociedades capitalistas) nos negócios.

O texto de HOBBSAWN (1997: 271-316), “A Produção em massa de tradições: Europa, 1980 a 1914”, em um contexto alemão e francês, nos dá um direcionamento que as “tradições inventadas” estão diretamente relacionadas as sociedades capitalistas, como o autor mesmo ressalta. Se formos, nos apoiar à esta análise, para dimensionar a ocorrência de Icoaraci quanto a afirmação da “tradição artesanal”, para instigar ou atender uma tendência de mercado, começa a fazer sentido, que a produção de cerâmica de Icoaraci, ou melhor as peças com seus ícones estilizados, são o próprio símbolo do regionalismo do Pará. Uma forma e representar a identidade cultural, através de objetos, agregando a estes valores culturais, e conseqüentemente valores de mercado, já que uma vez “impresso” tracejos das cerâmicas indígenas, tornou-se mais atraentes, e logo foram agregados valores às peças.

Sobre impresso, como fonte historiográfica, LUCA (2005:132)¹⁴, destaca que temos que averiguar as funções sociais desses impressos, dessa forma, as condições, as intenções e público alvo. Portanto, os aspectos que envolvem a materialidade destes e

¹³ Mestre Cabeludo, Documentário: O Pará de Dira Paes. Fita de Video(FV); 98/131. Ano: 1998. TV Cultura. Museu da Imagem e do Som do Estado do Pará.

¹⁴ LUCA, Tania Regina de. Fontes Impressas/História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2005.

seus suportes. Assim, nesta produção são utilizados os jornais impressos como um dos recursos para melhor compreender a dinâmica de Icoaraci e a produção de cerâmica.

A perspectiva de uma ampliação de mercado, fora sendo efetiva através de feiras de artesanato, que propiciaram uma fundamental divulgação para esta ocorrência de produção de cerâmica, sustentada pela ideia de uma dita cultura regional, a produção de cerâmica de Icoaraci foi sendo, assim, consolidada como uma tradição artesanal que “imprimiu” em seus traços os ícones da cerâmica paraense, sobretudo, marajoara e tapajônica. Pode-se, identificar que esta forma de produzir e fazer o acabamento dessas peças foi uma estratégia que os artesãos encontraram para permanecerem em uma nova lógica da produção de cerâmica, uma vez que antes da década de 1960, em sua maioria a produção era basicamente voltada para utensílios de uso domésticos, e a partir de meados desta década vários acabamentos foram adotados pelos produtores de cerâmica de Icoaraci. Neste contexto, com o uso de traços de produções indígenas, de civilizações já extintas, eram produzidas e compradas posteriormente, mas com um valor histórico, arqueológico. O valor agregado, neste sentido nos induz a refletir o quanto o objeto de estudo, as peças de artesanato produzidas em Icoaraci, podem ser estudadas por toda a sua dinâmica e análise da cultura material.

Segundo, o que analisa REDE (1996, 265-282) para Prown, “a cultura é definida, sobretudo por atributos ideacionais” (crenças, valores, ideias, postulados). A cultura material seria, portanto, reflexo de uma cultura concebida como patrimônio abstrato, alheio a toda materialidade. Assim sendo, a sua mobilização analítica esclarecida prioritariamente o universo mental da sociedade”. Verifica-se, através do processo de consolidação da produção de cerâmica de Icoaraci, e a atribuição desta como cultura material, perpassa pela análise que esta passou por um processo mental. Ou seja, identificar que em Icoaraci existe uma “tradição artesanal” consolidada, é compor a ideia que houve um processo mental, para se tornar uma ocorrência tradicional e/ou de referência da cultura regional do Pará.

REDE (1996: 265-282), através de Prown, concebeu a ideia, que a cultura em seus atributos ideacionais e por sua vez a cultura material, vai muito além da materialidade que os objetos detêm o “universo mental da sociedade”, nos dá uma

noção de que é o que não se pode tocar, ver, é abstrato, seria a ideia, de uma dita importância da cultura material, e para compreendermos esta proporcionalidade REDE(1996: 265-282) teceu a relação que Freyde identificou entre os artefatos e os sonhos, trata-se objetos e sonhos, ficções.

Aproximadamente em 1964, o ceramista Antonio Farias Vieira, o então conhecido mestre “Cabeludo”, inovou a produção de cerâmica de Icoaraci, pois ele passa a desenhar o grafismo do artesanato da cultura marajoara nos vasos e utensílios domésticos. Com a técnica de desenho mão livre, teve início um processo determinante para os produtores de Icoaraci, segundo relatou Fernanda Monteiro¹⁵, sua filha:

“ele trouxe aqui pra casa duas peças: um alguidá e um penico, então ele falou pra mim e minha mãe aquelas peças em arte, foi que realmente ele transformou, fez a peças marajoara, esse aqui é o desenho marajoara, ele fez , só que não era gravado, era mão livre, pegava o pincel melava na tinta e fazia o marajoara e daí foi por diante que começou a arte”

A vizinhança observando que a novidade na linha de produção iniciada por Cabeludo era rentável, passou a produzir artesanato com os traços da cerâmica marajoara. Assim, a importância de se produzir um artesanato baseada nos ícones da cultura marajoara, fez com que uma clientela maior se interessasse pelos produtos artesanais produzidos em Icoaraci.

Agregar valores, devido as peças estarem com acabamento dos traços e pintura indígenas, tornou-se uma prática corrente entre os produtores, já que estas passaram a agregar valores históricos, arqueológico e cultural. Um debate que podemos ousar fazer é como as peças de artesanato de Icoaraci tornaram-se símbolos regionais capazes de promover o turismo na região¹⁶? Vale ressaltar, que o período analisado é o do Regime da Ditadura Militar, a busca de símbolos de regionalismo era almejada para enfatizar uma referida região, para tanto, políticas para o Desenvolvimento Sustentável

¹⁵ Fernanda Farias Monteiro. 53 anos. Artesã e Padeira. Entrevistada em dezembro de 2004.

¹⁶ Artesanato promove o nosso turismo. *A Província do Pará*. 14 de setembro de 1975.

foram uma realidade deste período, um exemplo disso, é o Programa Nacional de Desenvolvimento de 1979¹⁷.

O valor que se tem de produzir o artesanato em Icoaraci, não é o mesmo valor que tinha para os índios marajoara, por isso tem-se que verificar que valor passam a ter, sobretudo a partir das produções das ditas cerâmicas decorativas que fazem alusão à produção indígena, dessa forma, identificar a importância para o produtor de artesanato, e conseqüentemente do consumidor, é um desafio constante nesta produção acadêmica.

A partir do momento que o artesão teve a preocupação com peças produzidas com ícones das cerâmicas indígenas, dos sentimentos identificamos a instigante legado de responsabilidade de preservar a cultura material indígena, ou seja, a tradição artesanal, ou melhor a cultura típica regional da Amazônia, é que estes artesãos viram através da produção de réplicas e/ou de tracejos a possibilidade de rentabilidade, e assim se manter na atividade de trabalho que já estavam inseridos. Além disso, a importância de se manter viva a tradição artesanal, inspirada nos tracejos indígenas, segundo o que relatou seu Rosemiro Pereira.¹⁸

“A grande importância de se produzir a cerâmica decorativa, é se manter a cultura viva, é se manter viva a importância cultural indígena da região e se tornou notório sempre viva essa importância”

Com isso, o importante é compreender que essas “variações” compõem as ideias denotadas no processo mental das sociedades. Ou seja, uma sociedade e seus costumes, é resultado de um processo histórico, o que é composto de fatos marcantes, ou nem tão marcantes, mas que mesmo assim teve sua parcela de contribuição para suceder um resultado a intenção de uma sociedade.

Para ocorrência de cultura material, em discussão, temos a intenção de expor que esta ocorrência de produção artesanal de cerâmica de Icoaraci, foi resultado de um processo mental. São destacáveis as possíveis “variações”, de formas, de aceitação no

¹⁷ PEREIRA, Carlos José da Costa. “Artesanato-definições, evolução e ação do Ministério do Trabalho; o programa nacional de desenvolvimento”. Brasília, mbt, 1979.

¹⁸ Rosemiro Pereira. Artesão. 73 anos Entrevistado em abril de 2006.

mercado, de valores, de importâncias, pois tudo isso contribuiu para a dita tradição artesanal consolidar-se em Icoaraci.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho analisou, por várias perspectiva a introdução na linha de produção do artesanato de Icoaraci, os tracejos do artesanato das culturas marajoara, tapajônica e maracá. A partir da memória dos artesãos mais experientes, foi possível ir à campo em um direcionamento. As tendências das novidades dos tracejos, soou como uma forma de se manter no ofício, os estímulos do poder público e/ou ausência destes em muitas circunstâncias. E as próprias estratégias dos artesãos em se organizarem para desenvolverem sua atividade de trabalho.

Fontes

Impressas:

Aumento para ônibus de Icoaraci: CTRdecide hoje & Problema para Icoaraci. *A Província do Pará*, 27 de abril de 1960.

(Localizado na Biblioteca Pública do Pará Artu Viana, CENTUR, Seção de Microfilmagem).

“Icoaraci das trevas para a alimentar novas esperanças”. *O Liberal*, 31 de janeiro de 1964.

FILHO, Augusto Meira. Cardoso: o ceramista de Icoaraci. *A Província do Pará*, 30 de dezembro de 1968.

Artesnato promove o nosso turismo. *A Província do Pará*, 14 de setembro de 1975.

Stélio encerra administração inaugurando melhoramentos na Pratinha e Icoaraci. *O Liberal*, 17 de março de 1970.

“Pará vai ter exposição permanente em São Paulo”. *O Liberal*, 18 de março de 1970.

Prefeito inaugurou obras em Icoaraci. *O Liberal*, 05 de janeiro de 1970

FEIO. Ademyr. Estudioso reproduz com fidelidade a cerâmica de marajoara. *O Liberal*, 7 de novembro de 1971.

Um artista nato vive em Icoaraci. *O Liberal*, 29 de março de 1972.

Trapiche será ampliado pela Prefeitura: turismo. *O Liberal*, 09 de agosto de 1972.

Inaugurada ontem a Escola de artesanato. *O Liberal*, 22 de março de 1973.

Artesnato: E a sua Ascensão agora. *O Liberal*, 1 de abril de 1973.

Artesão faz apelo ao IDESP para não remodelar a feira. *O Liberal*, 28 de julho de 1973.

Fontes Orais:

- **Nome:** Cipriano Lima dos Santos
 - **Idade:** 90 anos no dia da entrevista
 - **Profissão:** Artesão e barreiro (inativo)
 - **Importância para a pesquisa:** Artesão homem mais velho vivo no bairro de Icoaraci.
 - **Data da entrevista:** 28/03/2005
 - **Local:** Rua Juvêncio Sarmento (5ª Rua), entre Rua dos Andradas e Tv. Soledade
-
- **Nome:** Wilson Moraes Souza
 - **Idade:** 64 anos nos dia da última entrevista
 - **Profissão:** Artesão, administrador de olaria e padeiro
 - **Importância para a pesquisa:** Mestre ceramista é um dos mais antigos em atividade
 - **Data da entrevista:** 01/11/2004 e 24/03/2005
 - **Local:** Pass. Espírito Santo nº. 28, próximo à Soledade - Paracuri (olaria do entrevistado) e Rua Pe. Júlio Maria (3ª rua), esquina com Tv. Itaboraí (na data local que funcionava o MOVA-CI - Movimento de Vanguarda de Cultura de Icoaraci).

- **Nome:** Rosemiro Pinheiro Pereira
 - **Idade:** 66 anos no dia da última entrevista
 - **Profissão:** Artesão
 - **Importância para a pesquisa:** Artesão ativo que vivenciou o período pesquisado.
 - **Data da entrevista:** 01/11/2004 e 27/09/2006
 - **Local:** Tv. Soledade, entre Coronel Juvêncio Sarmento (5ª Rua) e Santa Izabel (6ª Rua), onde funciona a loja de artesanato do entrevistado e Rua Dos Andradas entre Coronel Juvêncio Sarmento (5ª Rua) Santa Izabel(6ª Rua), onde funciona a Escola Liceu de Artes e Ofício “Mestre Raimundo Cardoso”, local que entrevistado dar oficinas de cerâmica para a comunidade.
-
- **Nome:** Idalina Rodrigues Pereira
 - **Idade:** 69 anos no dia da entrevista
 - **Profissão:** Artesã
 - **Importância para a pesquisa:** Artesã mulher mais velha em atividade vivenciou o período pesquisado.
 - **Data da entrevista:** 01/11/2004 e
 - **Local:** Tv. Soledade nº. 755, entre Coronel Juvêncio Sarmento (5ª Rua) e Santa Izabel (6ª Rua).
-
- **Nome:** Fernanda Farias Monteiro
 - **Idade:** 48 anos no dia da entrevista
 - **Profissão:** Artesão
 - **Importância para a pesquisa:** Filha e ajudante de Antonio Vieira Farias (Mestre Cabeludo), artesão que primeiro produziu a cerâmica replicada e de decoração.
 - **Data da entrevista:** 05/11/2004 e 06/12/2004
 - **Local:** Tv. Soledade nº. 930, entre Coronel Juvêncio Sarmento (5ª Rua) Santa Izabel (6ª Rua) obs. na casa da entrevistada.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- CHAVES, Maria Paula Ramos. **Belém-onde se afirmam as promessas da Amazônia (aspectos históricos e modernos)**. Belém -Pará-1970. IDESP
- CHAUÍ, Marilena. **Cidadania cultural**. 1 ed-São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.
- GUIMARÃES, Junior. **Icoaraci: A monografia do Megadistrito**. Belém, Editora Delta, 1996.
- G. Maria do Carmo A. & FONSECA, Maria Fernanda Mee. **Cerâmica Popular Distrito Federal**. Secretaria de Educação e Cultura, 1979. Série Patrimônio Cultural.
- HOBBSAWN, Eric. Introdução: A Invenção das Tradições e A Produção em Massa de tradições: Europa, 1879 a 1914. In Eric Hobsbawn e Terence Ranger. **A Invenção das tradições**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.
- Instituto do Desenvolvimento Econômico-Social. **Exposição Feira do Artesanato do Pará**. Arte Popular, Belém, IDESP-1973. 180P.
- LALADA, Dlglish. Mestre Cardoso. **A arte da Cerâmica Amazônica**. Secretaria Municipal de Educação, Prefeitura Municipal de Belém, Belém, 1996.
- MINISTÉRIO DA AÇÃO SOCIAL. Secretaria nacional de Promoção Social. **Programa do Artesanato Brasileiro-PAB**. Brasília-1991. (Acervo da Biblioteca da Sudam Profº “Inocência Machado Coelho”).
- PETIT, Pere. “Introdução”, In. P. Petit, **Território, Economia, Política: Mudanças econômica e elites Políticas do Pará pós-1964**. Tese de doutoramento, USP, 1998.
- PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. Editora Contexto. São Paulo-2005.
- PEREIRA, Carlos José da Costa. **Artesanato-definições, evolução e ação do Ministério do Trabalho: o programa nacional de desenvolvimento**. Brasília, mtb, 1979. (Acervo da Biblioteca da Sudam Profº Inocência Machado Coelho).
- REDE, Marcelo. História a partir das coisas: tendências recentes nos estudos de cultura material. In **Anais do Museu Paulista. História e Cultura Material. Vol. 4**. USP.São Paulo-1996.
- RODRIGUES, Maria do Carmo Arruda de Sirqueira. **Artesanato: valorizar os traços culturais do próprio povo é fazer civismo**. IDESP, 1971. Coleção Amazônia.
- ROOSEVELT, Anna Curtenius. Arqueologia na Amazônia. In: CUNHA, Manuela Carneiro da. **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, Secretaria Municipal de Cultura, FAPESP, 1992.

SOUZA, Marzane Pinto. **Olarias do Paracuri: Cotidiano e espaço simbólico**. UFPA-CFCH. Departamento de Antropologia. Belém-Pa-1999

SOUZA, Marzane Pinto. **Mãos da Arte-Fazer dos Artesãos de Icoaraci: um estudo antropológico sobre sociedade, identidade e identificações locais**. UFF-CEG-ICHF. Niterói-RG-2002.

SCHAAN, Denise Pahl. **A Linguagem da Cerâmica Marajoara**. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1997.

SOUZA, Marzane Pinto de. **Olarias do Paracuri: cotidiano e espaço simbólico**. Tese de Mestrado em Antropologia.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.